



Entre Sylyon e Quazgaa: ficção científica, sátira *pulp* e ditadura militar na obra *A Ordem do Dia* (1983) de Márcio Souza

Rosangel de Freitas Machado¹

RESUMO

Esse artigo objetiva analisar o romance de ficção científica *A Ordem do Dia* (1983), sob a perspectiva da relação entre teoria literária da ficção científica e historiografia, investigando obra enquanto uma crítica satírica da ditadura militar, utilizando de características da literatura *pulp* e de folhetim, assim como os comportamentos presentes nas Forças Armadas Brasileiras. Também nos propomos a dialogar sobre o contexto histórico que se relaciona aos elementos escolhidos pelo autor para elaborar seu livro, como o caso do chupa-chupa e a Operação Prato. Além disso, a apresentação e estruturação de alguns personagens centrais se faz presente, os compreendendo enquanto representantes de perspectivas acerca do cotidiano e funcionamento da ditadura militar, ao mesmo tempo que se entendem enquanto personagens de uma obra de ficção científica.

Palavras-chave: Ficção Científica. Ditadura Militar. Extraterrestres.

ABSTRACT

This article aims to analyze the science fiction novel *The Order of the Day* (1983), from the perspective of the relationship between literary theory of science fiction and historiography, researching the work as a satirical critique of the military dictatorship, using characteristics of pulp and serial literature, as well as the behaviors present in the Brazilian Armed Forces. We also propose to discuss the historical context that relates to the elements chosen by the author to prepare his book, such as the “chupa-chupa” case and Operação Prato. Furthermore, the presentation and structuring of some central characters is present, understanding them as representing perspectives on everyday life and the functioning of the military dictatorship, at the same time as understanding themselves as characters in a work of science fiction.

Keywords: Science Fiction. Military Dictatorship. Aliens.

¹ Licenciado em História e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras, FECLESC-UECE. Email: rosangel.freitas@aluno.uece.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5558816823039793>.



1 INTRODUÇÃO

A ficção científica no Brasil sofreu e sofre com vários estigmas até os dias de hoje. Com recorrência sendo chamada de “pueril”, “sem importância”, ou “literatura menor” para as perspectivas mais aristocráticas do campo literário nacional. Isso se demonstra uma concepção errada quando percebemos a capacidade de expressar conceitos complexos, tecer críticas profundas e contestar limites pelos quais a literatura canônica não seria capaz de fazer, utilizando as questões que são caras apenas à ficção científica.

É nesse meandro de discussão que encontramos *A Ordem do Dia: Folhetim Voador Não Identificado* (1983), obra relativamente ofuscada da literatura nacional, mas escrita por um dos maiores nomes do campo literário: o amazonense Márcio Souza. Nessa narrativa com vários personagens e tramas interligadas, vamos acompanhar desde investigação de casos ufológicos, seitas esotéricas, entidades alienígenas e de outra dimensão, ao passo que temos um governo militar caótico, espões da KGB e militares cultistas querendo aumentar a extensão da ditadura, tudo isso embalado por meio de um humor ácido, crítico e que entende os absurdos históricos que foram causados pela ditadura militar enquanto pertencentes a um roteiro de filme de ficção científica.

Portanto, iremos debater, mesmo que de forma breve, alguns elementos que compõem a narrativa de *A Ordem do Dia*, nos ancorando em aporte teórico, histórico e na percepção de que a ficção científica é um gênero constante e que pode nos fazer refletir diretamente sobre as nossas chagas históricas.

2 FICÇÃO CIENTÍFICA E HISTÓRIA: ENTRE *NOVUMS*, EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS

Durante muito tempo a Ficção Científica, ou Romance de Antecipação², fez parte de uma dicotomia exacerbada no que tange opiniões, emoções e preconceitos enquanto gênero literário. Surgida nos meados do século XIX, a FC³ vai estar nesse embate entre um preconceito latente, considerada uma literatura “menor”, “infantil”, ou sem valor, ao passo que é abraçada por um grupo de leitores, a ponto de que muitas de suas narrativas passem a configurar enquanto

² Segundo Rangel (2024), o termo surge a partir de uma interpretação da FC por parte dos escritores e teóricos franceses, que entendiam o gênero enquanto uma proposta de pensar um futuro vindouro por meio de uma verossimilhança lógica embasada na ciência.

³ FC: Ficção Científica.



clássicos da literatura universal. Embora no decorrer das últimas décadas essa visão venha entrando em defasagem por parte dos especialistas, ainda é latente o desprezo de certos setores acadêmicos e literários, em muito pelo seu teor subversivo (Tavares, 2018, p. 14).

Trabalhos como *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* (1818)⁴, de Mary Shelley, os contos de Edgar Allan Poe, as diversas obras de Jules Verne (*Da Terra a Lua, 20.000 Léguas Submarinas, Viagem ao Centro da Terra, Cinco Semanas num Balão*, são exemplos de alguns), os livros de H.G Wells (*A Máquina do Tempo e Guerra dos Mundos*) e muitos outros vão gerar um pensar de uma ficção científica no século XVIII, além de estabelecer o gênero enquanto uma manifestação permanente e única da literatura fantástica, mas que tem suas especificidades que vão se distanciar do imaginário fantasioso e se assimilar ao pensamento científico e lógico.

Dentro dessas características que dão um caráter único para a forma como a FC se impõe enquanto gênero literário, e apesar da infinitude de debates e desacordos no tocante a emblemática pergunta “o que é Ficção Científica?”, podemos entender o que Darko Suvin chama de *Novum*⁵ enquanto elemento determinante como forma de entender a relação intrínseca entre o Romance de Antecipação.

O *Novum* é caracterizado por uma reformulação da realidade material e empírica vivenciada pelo autor, tendo em seu cerne um fator de inovação, novidade que destoa da cognição e senso comum da simbolização cotidiana, um contraponto dialético entre o que é a experiência de existir num dado tempo histórico, mas sempre pautado na materialidade lógica da existência, sendo assim, como Darko Suvin postula, “uma novidade estranha” (Suvin, 1979, p. 4). Esse fator seria elemento determinante para denotar histórias de FC, tendo em vista a materialidade dessas narrativas, onde o *novum* e a realidade participam do que é possível compreender por “estranhamento cognitivo” (Suvin, 1979, p. 4), sendo:

Na verdade, a proporção como método específico para formalizar a classificação e seriação parece ser uma das abordagens básicas e ferramentas epistemológicas inevitáveis da FC, se este gênero literário se baseia no estranhamento cognitivo

⁴ Vale pontuar que, embora não haja consenso entre teóricos e historiadores quanto ao marco inicial da FC, muitos apontam o *magnus opus* de Mary Shelley como ponto de partida para o gênero. Apesar de não ter intencionado criar uma nova forma de escrita, Shelley formulou os parâmetros e fundamentou as bases para gerações posteriores a sua pensarem formalmente a FC enquanto um gênero.

⁵ Embora a palavra em latim tenha diversos significados, Suvin vai se apropriar do termo a partir da teoria do filósofo marxista Ernst Bloch mas com significativas reformulações, principalmente no que diz respeito ao caráter coletivo da consciência decorrente da novidade. Enquanto o uso de Bloch se relaciona a ideia de novidade enquanto motor que movimenta a humanidade para fora de seu presente em direção a um futuro desconhecido, Suvin destaca a novidade enquanto fomentador de consciência histórica de um tempo, formulando ferramentas para o rompimento da norma enquanto abstracionada da historicidade, em prol de um projeto comum de futuro (Csicsery-Ronay, 2011, p. 47).



induzido por uma *novum* (figuras e/ou locais) de narração significativamente diferentes. Pois “significativamente diferente” significa também “pertencer a outro categoria classificadora” (sociológica, biológica, antropológica, cosmológica, e assim por diante) (Suvin, 1979, p. 238, tradução nossa).

Dessa forma, as histórias de FC tem seu cerne voltado para o caráter de pensar as relações entre a carga histórica do autor, com suas experiências e percepções socioculturais enquanto agente ativo no que tange sua realidade, e o elemento fantástico de cognição criado a partir das normas e lógicas vigentes e embasadas nas áreas de conhecimento humano, utilizando da imaginação de um futuro plausível. Se o real por trás de *Frankenstein* se encontra no contexto da revolução industrial e os debates sobre o avanço da ciência, o *novum* age na possibilidade de um cientista ser capaz de gerar vida a partir da morte, gerando assim uma relação de estranhamento, ao passo que formula uma verossimilhança. Não é sobre ser ou não possível, mas a plausibilidade lógica do conhecimento humano gerir os materiais necessários para realizar isso fomenta essa perspectiva, alimenta essa relação dialética e instiga o leitor a questionar o que lhe é posto no seu próprio tempo histórico. Vale ressaltar que, a FC abrange várias áreas do conhecimento, não se engessando somente nas ciências exatas, assim como não se restringindo só a uma visão idealista do uso tecnológico como base de progresso.

Portanto, é possível fazer uma leitura de que, as relações interpostas no que diz respeito às especificidades da FC enquanto gênero literário perpassam o entendimento histórico, e isso fica mais evidente quando analisamos o caráter invariavelmente historicizante do *novum*, sendo essa ideia de inovação estabelecida a partir de jogos de simbolização por parte das forças históricas, partindo do argumento estético mas denotando o caráter temporal de sua construção imagética, enquanto solidifica as bases e questiona os modelos da norma vigente do fazer artístico (Suvin, 2021, p. 185).

Doravante tal perspectiva, podemos analisar essa categoria específica de tropo da FC, a leitura categórica do teórico literário Csicsery-Ronay (2011), que reivindica a ideia de pensar o *novum* em sua multiplicidade de conceitos, normas e especificidades, não rompendo com a ideia de “estranhamento cognitivo”, reafirmando e atualizando o debate, tendo em vista que:

O *novum* baseia-se na analogia com o conhecido. São articulados em linguagem e imagem, as mudanças e a descontinuidade baseiam-se sempre no conhecido. Em qualquer momento histórico, as pessoas estão conscientes de que grandes transformações ocorreram e, ainda assim, dependem de estruturas cognitivas familiares para complementar e conter o que não sabem sobre eles (Csicsery-Ronay, 2011, p. 59, tradução nossa).



Sendo assim, a FC tem em seu cerne o caráter de reproduzir as relações entre o imaginário e a realidade, culminando na criação de um entremundo, que parte da unificação entre esses dois universos, partindo embora, de regras totalizantes que se fazem presentes na instância empírica, científica, lógica e simbólica do ser humano, sobretudo no que tange a reflexão sobre o tempo, seja na perspectiva de analisar o passado, a agência do leitor enquanto personagem histórico e social que vivencia na coletividade as transformações de seu tempo, e a projeção de um futuro, galgado nos parâmetros empreendidos na atualidade de seu pensar.

A partir dessa perspectiva, cabe aqui historicizar o debate no que tange a imaginação de tempos históricos, e como se relacionam o passado, presente e futuro, sua função nessa relação entre história e FC, além de relacionar o *novum* enquanto megatopo necessariamente histórico com o saber do estudo do tempo. Para isso, é preciso entendermos os elementos teóricos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, cunhados pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2006).

Ambos os elementos se caracterizam como parte da proposta do teórico de pensar as relações dos tempos históricos e como se manifestam no pensar do tempo, uma vez que Koselleck entende a tríade passado-presente-futuro enquanto construção empírica da vivência, a carga que trazemos de experiências, símbolos e conhecimentos, e os anseios do porvir, tudo isso galgado na relação entre “experiência” e “expectativa” (Koselleck, 2006, p.306). A questão central é que esses conceitos, embora opostos (A materialidade da experiência e a concepção da expectativa) vão se complexificar em relações simbólicas, permeando a concepção temporal, e se estabelecendo na totalidade da compreensão histórica.

No campo da experiência, é plausível pensar o conceito enquanto uma amálgama de vivências que formulam e impactam o presente, ou nas palavras do autor:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento (Koselleck, 2006, p. 309).

Devido a essa relação, é fortuito ponderar como isso pode se transmutar na elaboração da escrita literária, tendo em vista o caráter intrínseco entre as vivências do autor, seu aporte de conhecimento, sócio-cultural e histórico, especialmente na relação entre o indivíduo enquanto participante de instituições que já trazem uma carga de experiências enquanto tradições acerca do passado e que nele são inculcadas; seja no seio familiar, educacional ou religioso, ocorrerá



uma racionalização do passado enquanto espaço de racionalização passado que se faz presente no cotidiano.

Já no que tange a dimensão das expectativas, podemos pensar na relação de como os anseios que se fazem no presente se transformam no ideário acerca do porvir, ou de forma mais detalhada, a expectativa, enquanto um horizonte conjectural é:

[...] é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (Koselleck, 2006, p. 310).

Com essas formulações em mente, se faz possível propor uma relação entre os conceitos que foram apresentados, delimitando a proposição de entender o *novum* enquanto sintomático do pensar sobre os tempos históricos dentro de uma materialidade do vivido, percebido e pensado. Essa perspectiva se torna compreensível quando remontamos o estabelecimento dos *novums* ficcionais, carregando concepções tanto de uma experiência vivida, do autor, quanto da sua conceitualização de futuro, mas sendo formulada e embasada no presente. Sendo assim, o que podemos imaginar enquanto “estranhamento cognitivo” partiria das relações “presentistas”, pois a FC como gênero vai além de pensar o futuro de forma estritamente técnica, mas sim de estabelecer relações de verossimilhança não só pautadas no estranhamento, no novo, mas também no pensar imaginativo, racional e historicamente intrínseco.

3 ENTRE OVNI, SEITAS ESOTÉRICAS E MILITARES

3.1 A ordem do Dia: Contexto, sátira *pulp* e subversão crítica

Embora o escritor amazonense Márcio Souza seja mais conhecido por suas outras obras, de cunho mais histórico, como *Galvez, Imperador do Acre* (1976) e *Mad Maria* (1980), vai ser por meio da ficção científica que a trama *A Ordem do Dia: Folhetim Voador Não Identificado* (1983) irá ser estruturada.

Acompanhamos, ao longo da narrativa, vários núcleos dos mais diversos: Vera Martins, uma agrônoma enviada para Manaus a mando do Ministério da Agricultura, que irá se encontrar no meio de um mistério envolvendo o chupa-chupa, um fenômeno ufológico apontado por moradores da região, e que vem sendo apontado como causa de desaparecimentos. Outro núcleo



se faz em Brasília, onde temos vários personagens relacionados ao governo da ditadura empresarial-militar (1964 - 1985), especificamente a cúpula ministerial de João Batista Figueiredo, assim como sua figura, nomeada como Presidente. Também temos Pavel Aksentyevich, agente da KGB responsável por investigar atividades paranormais, que se vê refém de uma misteriosa seita ufóloga, liderada pelo Mestre, também conhecido como brigadeiro Bernardo Fischer, que é uma representação do general Alfredo Moacyr Uchôa. Por último, temos o General Pessoa, um militar aposentado que está conduzindo uma investigação paralela sobre o envolvimento do chupa-chupa em assassinatos na região de avistamento ufológico.

Doravante tal cenário, vale ressaltar o teor satírico com que o autor trata a narrativa, misturando uma estética dos livros de FC *pulp* para falar de seitas, espionagem, erotismo, ufologia e principalmente, crítica ao governo ditatorial de Figueiredo, que embora marque a crise final do domínio militar, ainda se fazia presente no cotidiano da população, e portanto o impacto de seus projetos, figuras e políticas não devem ser diminuídos, pois compõem parte das forças que estavam presente no projeto ditatorial desde sua concepção, e devem ser entendidas como tal.

Ambos os elementos narrativos (a sátira e o *pulp*) estão conectados, tanto entre si quanto no ato de escrever do autor como um todo, não se prendendo só ao livro em questão analisado. Podemos pensar isso a partir da pesquisa de Freire (2004), que aborda a sátira enquanto ação política no escrever de Márcio Souza, especialmente em sua obra intitulada *A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi* (1982). Na narrativa acompanhamos uma reformulação da clássica figura do boto, mas agora subvertendo parâmetros e dialogando com os dilemas políticos nacionais e locais, em especial a unificação do poder simbólico presente na figura de Vargas enquanto exemplo de uma política populista, explorando e parodiando sua carta de suicídio, em concomitância com a figura do boto repaginada enquanto uma desmistificação de significados antes vistos como imutáveis (Freire, 2004, p. 193).

Essa dupla desmistificação vai simbolizar a dessacralização por meio da inversão de valores presentes dentro de uma obra, concomitantemente tornando-se assim uma forma de dialogar o impacto do passado no presente, questionando velhas estruturas e figuras incólumes, ao passo que propõe uma forma bem humorada de lidar com ordens vigentes que fortalecem suas formas de controle sobre o tempo histórico, minando a possibilidade de debate concreto acerca da ação social e histórica de um evento, indivíduo, ou conjunto de elementos que agem



de forma simbólica e material para a geração e engessamento de memórias, valores e perspectivas.

Não se satiriza o que está definitivamente morto e encerrado na história ou o que não tem importância para o presente, daí a ligação do texto satírico com o efêmero, com uma situação política particular. Só é digno de ser satirizado o que ainda incomoda ou tem influência no presente ou as situações e figuras que ainda circulam. A sátira nasce, assim, de uma intensa ligação com o momento político do narrador (e do autor), ainda que pareça estar falando do passado, como no caso de *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* e, nesse sentido, assume a força de uma ação política concreta (Freire, 2002, p. 201).

Portanto, a recepção de uma narrativa satírica está umbilicalmente ligada com os elementos emitidos pelos autores em relação aos temas satirizados, podendo influenciar na forma com que esses jogos de questionamento vão agir, sobretudo no quanto vai ser absorvido pelo leitor. Concomitante a isso, temos a relação direta entre a atualidade, sua historicidade e a relação de repensar o que dialogamos anteriormente enquanto um passado que se faz presente, podendo se tornar ou não uma crítica datada, denotando sua efemeridade. O contexto de escrita e debate sobre o tema proposto pelo autor vai impactar diretamente todos os fenômenos que envolvem a criação de uma crítica satírica, seja ela bem executada, atual dentro de proposta, que objetivamente aja enquanto forma de questionamento das normas. A partir desse entendimento, é possível conceber a questão da sátira enquanto permeada por um jogo de fatores e formas, como a dessacralização, o humor, a crítica a valores sociais, a desconstrução hierárquica.

O outro fator que depende, seriam da estética e forma *pulp* que estão intrínsecos na obra, especialmente a relação entre sátira, *pulp* e a ideia de folhetim. Podemos entender o termo dentro de um contexto histórico específico, sendo oriundo de uma forma de leitura que remonta ao início do século na virada do século XIX para o começo do XX, e portanto “[...] teve o seu auge entre 1920 e 1950, período durante o qual os Estados Unidos passaram pela Grande Depressão e por duas guerras mundiais” (MATEUS, 2007, p.60).

A origem do termo demonstra a forma como esse tipo de publicação se dava no cotidiano. Segundo Mateus (2007, p. 60), o termo que dá nome a esse tipo de texto é proveniente do material com que eram fabricadas as revistas, de uma polpa de madeiras, de baixíssima qualidade e custo, possibilitando um custo menor da produção, baixo preço das revistas e alta comercialização, sendo vendido em toda sorte de local, como bancas de jornais e lojas especializadas.



A dualidade era o que mais chamava atenção das revistas *pulp*: histórias simples e objetivas que visavam o entretenimento rápido, ao passo que tinha capas bastante detalhadas, chamativas e que, em muitos casos, era o fator decisivo para a compra do material, pois incluíam temas das mais diversas sortes (Mateus, 2007, p.60).

O que deve ser percebido também é a relação com uma cultura de massas, pois o público alvo, por se tratar de um material barato de ser feito e barato de vender, que era composto por proletários, jovens com pouca renda e classes médias suburbanas (Ricci, 2021, p. 19). É interessante de se analisar que, as revistas *pulp*, por se tratarem de um fenômeno de massas, subverteram a forma como as narrativas são contadas, seja na questão dos mais diversos gêneros que essa categoria abrange, indo de FC, histórias policiais, terror, fantasia e tantos outros, ou no que era mais comum ter nas histórias, uma vez que, as editoras partiam do que era mais vendável dentro daquele nicho, formulando tropos narrativos que se tornavam comuns dentro daquele gênero específico.

A partir dessa perspectiva, se traça um parâmetro para compreender como essa forma vai ser posta dentro do processo criativo de *A ordem do dia*, mas para isso, devemos perceber um entendimento das revistas *pulp* adaptadas às especificidades brasileiras, pois como afirma Ricci (2021):

Observamos que, embora iniciado o processo de industrialização ainda no final do século XIX, o gênero *pulp* demorou para ganhar boa repercussão e investimentos por parte do mercado editorial, pois no Brasil a classe editorial olhava com desconfiança para o fenômeno e não o considerava promissor a ponto de investir na publicação das histórias do gênero (Ricci, 2021, p. 24).

Dentre alguns fatores para a dificuldade dessas revistas ingressarem no cenário nacional, além da falta de interesse de editoras, está a questão das taxas de analfabetismo que o Brasil teve durante a virada do século XIX para o século XX (Ricci, 2021, p. 24). Concomitante a isso, é possível apontar a popularidade de outras categorias literárias populares que eram consumidos no país e que se popularizam mais, como o folhetim, que por sinal vai encontrar na escala industrial da produção das revistas *pulp* um ambiente fértil para expandir sua capacidade, o que só vai acontecer por volta da década de 60 e 70 (Ricci, 2021, p. 27). As causas dessa explosão podem ser identificadas, segundo Ricci (2021) a partir do período ditatorial, muitos autores adaptaram as revistas *pulp* para dialogar com as questões de combate à censura, contrariando a premissa estadunidense de que as obras deveriam ter uma história objetiva e despretensiosa.



Ocorre então, uma aproximação teórica, compreendendo *A Ordem do Dia* enquanto uma obra que participa dessa relação da cultura de literatura *pulp* aos moldes brasileiros, buscando a subversão e estética e estrutura narrativa das revistas, ao passo que constrói os temas de forma crítica ao regime militar, ao passo que os ironiza, formulando toda um modo de, ao mesmo tempo que se parece com um folhetim (assim como o subtítulo *Folhetim voador não identificado* demonstra), dialoga com temas que são pertinentes para o imaginário social e histórico do período vivenciado.

Partindo para a análise, a forma escolhida por Márcio Souza pode ser entendida como uma cacofonia de estilos, que vão desde o relato jornalístico, passando pelas histórias de investigação policial e FC envolvendo abduções, romances eróticos e envoltos, na sátira oriunda das histórias *pulp*, toda essa multiplicidade de elementos com o objetivo de relacionar o exército e seu conjunto de idiosincrasias para com a imagem do extraterrestre, por meio da ordem do dia, elemento formal que se relaciona a pauta temática de uma discurso político, mas que também pode se relacionar a discursos cívicos e morais enunciados por militares, ou como o autor ironiza a posição oficial, denotando que para a sua proposta “[...] Ordem do Dia quer dizer, também, um másculo discurso redigido por chefes militares e lido com inequívoca impostação viril, em todos os quartéis, nas ocasiões consideradas cívicas ou solenidades de passagem de comando” (Souza, 1983, p. 11).

Aliado a isso, temos como elemento de caráter fantástico, o fenômeno do chupa-chupa. Tal episódio pitoresco do imaginário brasileiro sobre OVNIIs ganhou notoriedade por volta de 1977, na cidade de Colares, que fica na região amazônica do Pará. Embora não se tenha concordância exata de onde os fenômenos começaram, foi em Colares que o mito do chupa-chupa se fortaleceu. Segundo relatos dos moradores da região, durante a noite, avistaram luzes misteriosas que ocasionaram condições dos mais diversos tipos, desde de “[...] queimaduras, paralisia, palidez e tontura” (Fernandes; Barbosa, 2022, p. 111). Devido a essas reações físicas, as testemunhas afirmaram terem sentido como se o seu sangue estivesse sendo sugado pelas luzes, sendo a partir dessa sensação que o termo ganha força, fazendo parte do imaginário da região até hoje.

O furor foi tão grande que uma operação militar foi instaurada com a finalidade de investigar o misterioso caso. Nomeado como Operação Prato (referência a como são representados os discos voadores na cultura popular), a incursão pela região dos avistamentos. Segundo apontam Fernandes e Barbosa (2022) a partir de uma análise de dois relatórios sobre



a operação, que tinha como responsável o coronel Uyrangê Nogueira de Hollanda Lima, além de cinco outros sargentos, formando uma equipe, ao passo que tinham por volta de 60 oficiais e especialistas, sendo toda a operação de responsabilidade da FAB.

Os resultados da operação tenham se mostrado um retrato das relações sociais e históricas que decorriam do poder e percepção dos militares para com as vítimas, com recorrência os reduzindo a pessoas “[...] de formação simples e facilmente influenciados pelos meios de comunicação, nem sempre usados por pessoas escrupulosas” (Fernandes; Barbosa, 2022, p. 118). Esse teor de culpabilizar as mídias jornalísticas vai ser o tom de todo o relatório, ao mesmo tempo que denota um ar de superioridade classista dos militares para com a população, sendo recorrente o uso de termos do vocabulário que são usados para inferiorizar o outro, mesmo que de forma eufemística, como “pessoas simples”, ou “facilmente influenciáveis”, como foi apontado na fala acima.

É possível analisar também o apontamento de que, dentre as conclusões que estão presentes nos relatórios finais, é a de que as luzes avistadas pelos interrogados se tratavam de “objetos inteligentemente direcionados” (Fernandes; Barbosa, 2022, p. 120), denotando uma racionalização da temática, ainda mais tendo em mente o contexto ditatorial que o país passava. Os relatórios, assim como um debate mais amplo no âmbito acadêmico só se tornou possível anos depois, com o fim do regime ditatorial. Cabe levantar essa questão, não pela veia conspiratória, mas em perceber que essa dificuldade inicial para encontrar uma documentação mais vasta está diretamente ligada ao período histórico em que se encontra inserida, tanto é que o acervo relacionado ao tema, não somente a Operação Prato em si, se encontra no Arquivo Nacional e é de livre acesso, mesmo que alguns ainda questionam a extensão dessa coleção.

Além disso, tanto o chupa-chupa quanto a Operação Prato fizeram e fazem partes do imaginário brasileiro acerca do insólito que a figura do extraterrestre, sendo os OVNI's uma faceta desse fator extraordinário, traz à tona. Certamente é necessário apontar o impacto que esse evento causou e causa nas pessoas que contemplaram de perto o acontecido, sobretudo a população da região de Colares, tendo em vista que, por muito tempo se recusaram a falar sobre o tema, tanto por trauma quanto por medo de rechaço. Atualmente, a temática se tornou um campo comum na região, ainda que as luzes no céu não tenham sido um evento exclusivo da época (Fernandes; Barbosa, 2022, p. 128)

Com isso em mente, Márcio Souza, pega esse evento e o usa como base de sua narrativa, dando um tom de jornalismo investigativo, mas sempre denotando o seu interesse de estruturar



o romance enquanto FC para apresentar críticas e análises sobre, não só o governo Figueiredo, mas o absurdo cotidiano de se viver numa sociedade dirigida pela ditadura militar.

Talvez seja por isso que há clima de história de discos-voadores e ficção científica neste romance. Nada mais saído de STAR TREK que um general quatro estrelas lendo uma ordem do dia. Nada mais LOST IN THE SPACE que a sociedade brasileira de joelhos perante a argúcia anticomunista de um chefe militar. Nada mais parecido com INVASION OF THE BODY SNATCHERS que a paranóia vigilante da Lei de Segurança Nacional (Souza, 1983, p. 18).

É nessa encruzilhada que *A Ordem do Dia* se encontra, interpretando as formas que os militares agem em plena ditadura, com seus trejeitos, valores e organizações hierárquicas, ao mesmo tempo que questiona o insólito por trás desses atos. Com uma proposta de unificar o real e o ficcional, o autor dialoga com temas históricos pertinentes, transformando a questões relativas à sua experiência enquanto indivíduo imbuído de experiência histórica, as transmutando em FC como uma forma de satirizar o que está sendo apresentado, mas sem deixar de apresentar o caráter dualista de sua proposta. O absurdo verossímil é fomentado enquanto Souza compreende a incoerência de acontecimentos históricos que fizeram parte do cotidiano durante a ditadura, como a perseguição a opositores, a truculência com a população civil, o uso de uma suposta “ameaça comunista” como argumento de legalidade, e principalmente a censura, tortura e assassinato de todo e qualquer pessoa que se encontrasse contra os interesses do regime.

Partindo dessa relação, a trama irá se dividir em vários núcleos, alternando algumas vezes dentro dos próprios capítulos, que se delimitam a um dia, narrando a forma com que cada personagem estava se relacionando com o tema, nesse intrincado jogo de narrativas, que necessitam ser analisadas individualmente, tendo em mente que eles representam diferentes facetas da estrutura construída por Souza. Como forma de elaborar melhor uma organização, torna-se possível dividir o debate sobre os núcleos em dois eixos: os personagens que estão atuando em Manaus e região, e os que estão em Brasília.

2.2 Núcleo Amazonense: Vera, Paulo e General Pessoa

A trama se inicia a partir da perspectiva de Vera Martins, uma agrônoma que foi mandada para a região pelo Ministério da Fazenda para dialogar com os sindicatos sobre formas de convencer a população a aceitar a metodologia de plantio instruída pelo ministério, gerando uma disputa entre as tradições agrícolas dos ribeirinhos, e os desmandos do governo militar. O



mote central da obra vai se introduzir a partir do momento que, em Parintins, Vera irá presenciar um grupo de moradores indo embora de sua região natal, Valéria, com medo dos avistamentos luminosos: “Ninguém da cidade parecia se interessar pelo drama dos habitantes de Valéria, como se a chegada do “Chupa-chupa” fosse a coisa mais natural do mundo” (Souza, 1983, p. 28).

É relevante apontar o teor de como essa primeira impressão sobre o caso vai discorrer na narrativa, revelando a forma naturalizada com que a população de Parintins (simbolizada pelo prefeito) vai abordar a questão para um estrangeiro naquele ambiente, que seria todo o arquétipo de Vera, uma paulista em meio a um ambiente que destoa de sua realidade, pois ao questionar a natureza da agrura daquela população, o prefeito desfaz e retruca com: “- É só um boato, dona Vera. Adoram contar casos por aqui, a senhorita não deveria acreditar, não” (Souza, 1983, p. 29).

O microverso de Vera em relação a narrativa vai tomar forma conforme as dúvidas e relatos vão se intensificando, principalmente após ouvir um relato de criança, que, devido a sua fidelidade de fala, vai fazer com que a personagem compre a história do garoto e acredite na veracidade do chupa-chupa.

A estética dos momentos envolvendo a investigação de Vera vão tomar um tom que flutua entre um pastiche ironizado das histórias policiais aliado a novelas eróticas, onde o momento de virada vai ser delimitado com a adesão de Paulo enquanto personagem. A apresentação da relação dos dois nos é apresentado como leitores na forma de pura atração sexual, firmando esse como o núcleo do livro que mais conversa com a questão do erotismo, tanto o subjetivado oriundo dos romances policialescos, quando o objetivo, que se faz presente, sem esconder em momento algum seu caráter de subversão da relação enquanto algo naturalizado: “Vera sentou-se na cama, o lençol sobre as coxas e revelando o corpo moreno de sol e os seios pequenos de bicos pontudos e rosados” (Souza, 1983, p. 43).

É preciso refletir sobre o impacto dessas cenas dentro de um recorte histórico e de costumes, pois embora os anos 80 tenham sido marcados como um período de aumento das liberdades, os valores conservadores ainda se faziam presentes no cotidiano, e na literatura não seria diferente. É possível apontar isso a partir da pesquisa de Farias (2021), que analisa os ataques decorrentes de uma extrema direita que não aceitava os valores que não os seus, recorrendo a atentados e perseguição a figuras estigmatizadas como subversivas.



Dentro desse debate, é possível apontar a questão do conservadorismo entender as manifestações de ordem sexual, seja pornográfica, literária ou reivindicativa, como uma forma de subversão aos valores hegemônicos de uma sociedade reacionária, e culpabilizando os comunistas por romperem com os ditos “bons valores”, culminando em ataques a bancas que tinham a venda materiais pornográficos (Airton, 2021, p. 158).

Esse caso só demonstra o quão impactante é entender as representações simbólicas envolvendo o debate sobre o tema, ainda mais durante a ditadura, um período que, embora estivesse entrando em seu estágio final, vai ser sintomático para perceber o conservadorismo enraizado nos valores vigentes no Brasil oitocentista. Portanto ao abordar o sexo enquanto ferramenta de subversão e rechaço, a narrativa de *A Ordem do Dia* expande suas fronteiras para além do fetichizado e usa aparatos que, vão gerar incômodo na mesma medida que emergem as dúvidas relativas ao tempo histórico em que a obra se passa e é escrita.

Finalizando o arco de Vera e busca do fenômeno insólito amazonense, ao longo da narrativa a procura de pistas sobre o chupa-chupa, ela e Paulo vão se enveredando ainda mais pelas encruzilhadas da narrativa, até que o seu amigo some, e após isso: “já não se importava mais com o amigo inconstante nem com as malditas aparições do “Chupa-chupa”. Tinha pressa em acabar seu relatório e pedir a conta ao Ministério da Agricultura” (Souza, 1983, p. 144).

É nesse momento, o de maior quebra de expectativa, pois a parte que era direcionada a Vera e Paulo se fragmenta, com um rompimento tanto da ideia do chupa-chupa enquanto ameaça, quanto do núcleo dos dois. As histórias se entrecruzam futuramente, mas reafirmando o objetivo de analisar e conjecturar historicamente sobre as figuras representadas na obra, iremos nos atentar a outro personagem que vale destaque e que partilha os tropos detetivesco com Paulo, diferindo da forma com que ele é tratado: o general Pessoa.

O seu personagem é sintomático para denotar a relação entre o real e o fictício. Foi baseado na figura do General Alfredo Moacyr Uchôa, conhecido pesquisador do sobrenatural e que aqui se transforma num personagem que remonta as histórias de filmes *noir*⁶. Para reforçar essa perspectiva, sua construção se pauta na investigação de um agente da CIA, que havia sido morto com requintes de crueldade que só os torturadores militares seriam capazes de realizar. A ironia ocorre quando o mesmo agente, Mike Gardner, era responsável por realizar missões envolvendo o assassinato, tortura e espionagem por todo o mundo que estava em fervor

⁶ Remete ao gênero cinematográfico de romance policial que ficou famoso na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos, abordando narrativas que vinham das revistas *pulp*.



revolucionário, mas que nos últimos anos estaria realizando pesquisas relacionadas a OVNIs, foi morto aos moldes das torturas realizadas nos porões das ditaduras (Souza, 1983, p. 58-60).

Ao longo de seu arco, é possível destacar a forma com que a relação do general para com o insólito se traduz, pois dentro da trama, o personagem tem um contato com uma das figuras alienígenas que vai perpassar ao longo de todo o livro: Quazgaa, uma figura misteriosa que se encontra nesse emaranhado de histórias simultâneas, agindo enquanto um contraponto a figura de Sylyon, outro ser extraterreno e que também está intrinsecamente conectado aos elementos narrativos que estão postos.

O que vale destacar é que, após o general Pessoa ter encontrado Quazgaa quase que por coincidência, resolve prestar toda a sua vida a paranormalidade e ufologia, chegando a fundar um instituto voltado para o estudo desses assuntos, o CENAP (Centro Nacional de Pesquisas Paranormais) (Souza, 1983, p. 84-85). O que cabe destacar é que, durante a ditadura, os militares tinham um órgão especializado em atividades ufológicas. Com a sigla de SIOANI (Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados), o órgão tinha a função de catalogar e investigar qualquer sinal de atividade que envolvesse corpos luminosos não identificados. A divisão atuou entre 1969 e 1972, onde foi descontinuada após uma troca de cargo na Força Aérea Brasileira, mas apesar disso, a documentação apurada ao longo do tempo está hoje no Arquivo Nacional, de livre e gratuito acesso.

Concomitante a isso, Paulo passa a realizar a investigação envolvendo o caso do chupa-chupa, desconhecendo o paradeiro de Vera, além de subverter a ideia que vinha sendo proposta a partir de seus atos. Essa troca de valores um tanto quanto irônica é justificada a partir do momento em que o jornalista é convencido pela população local, incluindo o padre, a relatar os acontecimentos que se sucederam naquela região, enquanto uma forma de denúncia, doravante a situação em que os lavradores estavam sendo expulsos de suas terras por conta dos órgãos governamentais:

Primeiro, foram os navios de pesca que deram de entrar nos lagos que a gente pesca e a estragar tudo, tirando o nosso alimento. Esses navios jogavam uma rede fina no lago e arrastavam o peixe sem deixar nada para nós. Às vezes, pegavam um cardume de branquinha e depois encontravam um cardume de jaraqui, e jogavam a branquinha no lago, fazendo um estrago. O lago ficava cheio de peixe morto, uma tristeza, além do fedor e da sujeira (Souza, 1983, p. 201).

Essa virada no arco de construção de Paulo vai dicotomizar o livro em sua proposta, uma vez que vai desconstruir seus tropos estereotipados, estabelecendo um amadurecimento em seu modo de pensar: antes só pensava em si, mas por influência dos moradores locais, fica



para relatar a miséria causada pelas obras da ditadura militar, se importando com os efeitos que estão acarretando no cotidiano ribeirinho. Mais uma vez o satírico age enquanto crítica pungente ao presente histórico do autor, já que, analisando os processos de obras que se decorreram na região Norte do país, como a hidrelétrica de Tucuruí (matéria sobre a qual Paulo tinha que escrever originalmente) um símbolo da opulência e opressão da ditadura empresarial militar e que se encontra como crítica nesse momento da obra denotado acima.

O caso da hidrelétrica de Tucuruí é sintomático quando se percebe as contradições de classe envolvendo tanto os moradores da região, quanto os trabalhadores, que foram explorados ao máximo. A obra se iniciou por volta de 1957 e foi finalizada em 1984, com o objetivo de garantir eletricidade para grande parte da região Norte do País. A questão é o lucro dos empresários envolvidos nas licitações, pois é fortuito entender que:

Para além da falta de democracia na forma como o projeto foi elaborado e conduzido, sem consulta às comunidades locais, ignorando os impactos sociais decorrentes da megasina e de seu reservatório, além de todos os danos ambientais causados pela barragem, a obra é reveladora da ditadura na medida em que ela expressa interesses empresariais que constituíram os seus beneficiários (Pedreira, 2019, p. 281).

Ou seja, interesses de classe e ganho de capital estiveram à frente da vida dos moradores e trabalhadores, além da forma pela qual o meio ambiente foi afetado, tudo em prol do fomento das relações entre o capital privado (nacional ou internacional) e o governo militar.

2.3 Núcleo Brasiliense: Governo Figueiredo e Culto da Sétima Lua

O núcleo que diz respeito a Brasília vai agir enquanto os duplos antagonistas, estabelecendo a sede do governo militar do “Presidente” (sendo esse uma caricatura do general João Batista Figueiredo) e o Vale das Sete Luas enquanto local do culto a Sylyon.

No que tange a parte governamental, uma questão importante para a narrativa é a de que o governo Figueiredo, assim como na realidade, entrou em declínio, com crises econômicas, saques e greves. A questão central dessa parte do livro é debater como o imaginário de caserna se contrapõe ao civil, ocorrendo uma troca de valores. Isso se torna nítido quando vemos o ministro do SNI (Na vida real, foi o general Octávio Medeiros) discutindo com o Ministro da Casa Civil (João Leite de Abreu):

O impulsivo general do SNI olhou o velho jurista com asco. Não tolerava a presença daquele civil intruso no meio de militares. Desde que tomara posse na Casa Civil, as reuniões matinais com o Presidente haviam perdido a informalidade. Já não eram mais



os camaradas de armas que estavam ali, discutindo abertamente, usando as franquezas que só a intimidade da caserna ensina a um homem. O intruso civil transformara tudo numa enfadonha troca de etiquetas que dava-lhe ânsias de vômito (Souza, 1983, p. 34-35).

Essa troca de valores ganha um valor maior quando entendemos a relação direta de Figueiredo para com o SNI. Durante o governo Geisel, Figueiredo era Ministro do SNI, e mesmo depois de presidente, nutriu familiaridade com a pasta, ao ponto de que, foi com o governo Figueiredo que o SNI teve seu apogeu (Fico, 2019, p. 200-201), contrariando a ideia de que a abertura necessariamente implicaria o fim de um estado de vigilância e censura.

No tocante a figura do Culto, vale destacar, talvez o elemento que mais seja o de FC nessa narrativa, que é o do Brigadeiro Bernardo Fischer, também chamado de Mestre⁷ do Culto de Sete Luas. Seu papel é central na trama, pois o governo militar se propõe a continuar nessa narrativa, sendo ele o sucessor indicado pela Aeronáutica, para se tornar o novo presidente. A questão é que isso tudo envolve a ordem do dia que será dada, anunciando seu novo cargo, o que gera o sentido por trás do nome e proposta de Souza.

O aeroporto estava muito movimentado e ela prestou atenção para as manchetes dos jornais que pendiam da banca de revistas. O assunto era a posse do brigadeiro Fischer no comando do Estado-Maior das Forças Armadas e sua posição de candidato em potencial à presidência da República (Souza, 1983, p.144).

Seu culto age como uma espécie de braço esotérico dos militares, impondo as vontades do ser chamado de Sylyon, sendo esse um *novum* que se estabelece em dualidade ao seu oposto, Quazgaa. A figura do Mestre atua enquanto o mal absoluto, ao ponto de gerar uma doença em que o mesmo tem combustões espontâneas e vive com dores cruciantes, mas também detém grande poder telecinético. Os planos dele se intensificam quando o seu Culto consegue capturar Pavlov Aksentyevich, um agente da KGB responsável pela investigação de fenômenos paranormais. Sua captura, em primeiro momento faz parecer que é parte de uma investida anticomunista a mando de forças especiais, quando na realidade se mostram como uma relação parasitária, onde Sylyon precisa de um receptáculo que tenha habilidades especiais, e Pavlov se encaixa nesse perfil (Souza, 1983, p. 94).

O debate sobre a figura de Fischer sucinta questões remontando a ordem da tentativa de permanência de setores ultraconservadores das Forças Armadas em não quererem abdicar do

⁷ É interessante debater que seu comportamento e trejeitos em muito se assemelham a personagens famosos da FC, sendo eles o Imperador Palpatine, da saga cinematográfica *Star Wars*, e o Mestre, do seriado de televisão inglesa, *Doctor Who*. Ambos são vilões maquiavélicos e que buscam a destruição e controle total.



controle estatal, não sendo exclusividade da obra de ficção. Ao longo do período de abertura, vários atentados eclodiram pelo país, com células ultraconservadoras como o MAC reivindicando esses atentados (Farias, 2021, p.164). A questão é que houveram também setores militares que foram protegidos pelo governo, e que em sua sanha de manutenção das estruturas de domínio, fizeram com que reinasse a impunidade, culminando em catástrofes como a bomba no Riocentro (Farias, 2021).

4 CONCLUSÃO

Doravante a breve proposta introdutória ao tema, se faz mais do que necessário se aprofundar de forma acadêmica, nas narrativas de ficção científica que foram produzidas por autores brasileiros e que falam de nossa realidade histórica. As feridas ainda estão abertas, e a FC, por muito tempo desassistida nesse país, pode vir a nos trazer respostas em perspectivas nunca antes ouvidas. *A Ordem do Dia* vai além de uma narrativa psicodélica e cacofônica, ela fala de temas pertinentes até hoje, mas que, por sua forma, precisa ser analisada e reivindicada enquanto uma literatura de FC. A obra simboliza questões importantíssimas para imaginar realidades outras, e nossas. Pensar a conjectura amazonense, por meio de um autor da região, e os impactos que a ditadura empresarial-militar causou na região, e como os militares nos governos, alheios a qualquer empatia, tratam o tema como se estivessem falando de alienígenas.

A obra de Márcio Souza é crucial para entendermos as dinâmicas históricas que perpassam a região Norte, e sua capacidade de criar uma narrativa tão ácida que, com os tropos da FC consegue intensificar ainda mais o absurdo, o insólito e a verossimilhança que é pensar sobre nossa realida. Sua aura vai para as estrelas, mas seu legado ficou, e espero que mais e mais pessoas descubram e redescubram essa obra que pode ser entendida como um importante livro para a literatura de FC brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, P. H. P. Ditadura, interesses empresariais e desenvolvimentismo: a obra da usina hidrelétrica de Tucuruí. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 255-286, jan./ abr. 2019.

CSICSERY-RONAY, I. **The seven beauties of science fiction**. Middletown: Wesleyan University Press, 2011.



FARIAS, J. A. Explosões conservadoras: atentados de extrema-direita na distensão da ditadura civil-militar. **Em Tempo de Histórias**, [s.l.], v. 1, n. 38, p. 148-167, jan./ jun. 2021.

FREIRE, J. A. T. Um diálogo explosivo: sátira, paródia e história. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, Araraquara, n. 22, p. 187-203, 2004.

FICO, C. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs.). **O Brasil republicano: O tempo do regime autoritário**. vol. 4: Ditadura militar e redemocratização - Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução de: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006

MATEUS, A. As *pulp* magazines. **Babilônia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, Lisboa, n. 5, p. 57-65, 2007.

RANGEL, L. A. *História e Ficção Científica*: locomotivas, andróides e outras viagens do metaverso. São Paulo: Contexto, 2024.

RICCI, G. **Revistas pulp no Brasil**: indústria cultural, consumo e modernização na sociedade de massas. 2021. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História, Cultura e Sociedade) - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2021.

SOUZA, M. **A ordem do dia**: folhetim voador não identificado. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

SUVIN, D. **Metamorphoses of Science Fiction**: On the Poetics and History of a Literary Genre. New Haven; London: Yale University Press, 1979.

SUVIN, D. A ficção científica e o *novum* (1977). Tradução de: Larissa Costa da Mata. **Outra travessia**, Florianópolis, v. 2, n. 32, 167-193, 2021.

Artigo recebido em: 24/09/2024

Artigo aprovado em: 12/11/2024